

Utilizando atividades culturais em sala de aula de Língua Inglesa

Selma Silva Bezerra (UFAL)¹

Eilane Silva Monroe (UFAL)²

Resumo: Os estudos culturais no contexto de sala de aula de língua estrangeira têm destacado que ensinar uma língua estrangeira é também ensinar sua cultura. Dessa forma, não podemos separar o ensino da língua do ensino da cultura, eles estão extremamente interligados. Em um trabalho de cunho etnográfico, objetivamos desenvolver atividades culturais para a sala de aula de língua inglesa e averiguar a adequação dessas atividades à luz de teorias contemporâneas que advogam a construção de um entre-espaço cultural na sala de aula de línguas (KRAMSCH, 1993; MACKAY, 2000; TAVARES, 2006). Esse trabalho é denominado Pesquisa-Ação e está inserido na linha teórica da Lingüística Aplicada que tem como característica centrar-se nos problemas que envolvem os diversos usos da língua. Utilizamos de notas de campo, observação, gravação e transcrição das aulas, e ainda, de questionários que objetivavam conhecer as preferências dos aprendizes no que diz respeito às atividades.

Introdução

O inglês como língua internacional tem nos feito pensar a respeito de muitos aspectos que ultrapassam o contexto de sala de aula, como o imperialismo lingüístico, a dominação cultural, e a questão da comunicação rápida no mundo globalizado. Como podemos notar, muitos estudiosos têm pesquisado a partir desses aspectos, especialmente aqueles relacionados à cultura no ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira (doravante LE). Kramsch (1997, p.6) menciona que “os professores ensinam língua e cultura, ou cultura como língua, mas não ensinam língua como cultura”. Mackay (2000, p.8) enfatiza que “é importante no ensino de inglês como língua internacional que os aprendizes sejam questionados sobre como refletir a sua própria cultura em relação às outras”. Talvez esta seja a contribuição social que professores de língua estrangeira possam dar a seus alunos, especialmente quando esses vivem em países subdesenvolvidos, como no nosso caso. Mesmo que muitos estudiosos tenham desenvolvido pesquisas nessas áreas, devemos confessar que existem poucos

¹ **Selma Silva Bezerra** é aluna da graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), é integrante do diretório de pesquisa Ensino e aprendizagem de línguas, atualmente, tem pesquisado no programa de iniciação científica da UFAL, PIBIC, com bolsa do CNPq.

² **Eilane Silva Monroe** é aluna da graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), é integrante do diretório de pesquisa Ensino e aprendizagem de línguas e, atualmente, tem desenvolvido pesquisa no programa de iniciação científica da UFAL, PIBIC.

materiais destinados aos professores trabalharem em sala de aula, a maioria dos livros didáticos não apresentam qualquer coisa sobre a cultura materna, falam somente sobre a cultura alvo, e nossos estudantes queixam-se a respeito da maneira como o mundo do outro é abordado nos livros, pois é completamente diferente da realidade de suas vidas, e algumas vezes, tais estudantes não entendem, por exemplo, o vocabulário de tipos de comida, ou roupas de frio, porque eles nunca provaram ou vestiram isso antes.

Outros, por sua vez, dizem que não precisam aprender inglês porque nunca terão a oportunidade de falar essa língua efetivamente, mas eles não conseguem enxergar que, ao mesmo tempo em que dizem isso, eles vestem uma blusa em que tem escrito *Beach Girls*, ou estão indo à uma festa chamada *Halloween*. Eles não se dão conta que, agora, a cultura americana, em alguns casos, faz parte de suas rotinas. Por outro lado, muitos professores não sabem como lidar com esse tipo de situação presente no ensino de língua estrangeira nas escolas de ensino fundamental no Brasil. Estudantes universitários, por sua vez, têm um pensamento diferente sobre a língua inglesa, eles precisam dela para ler artigos e livros de seu curso. Consequentemente, se nós percebemos que, dando oportunidade para nossos estudantes desenvolverem uma consciência crítica, estaremos promovendo o conhecimento da cultura materna e também a cultura alvo que estiver sendo aprendida, dessa forma, estaremos compreendendo o ensino como uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, 2005). Sugere-se que sejam promovidas reflexões com essas finalidades, principalmente quando se fala em LE, para muitos, forte meio de dominação. Então, baseado nas reflexões que apresentam a importância da cultura na sala de aula de língua estrangeira, desenvolvemos três atividades para uma sala de aula de língua inglesa e analisamos como essas atividades se deram na prática.

Desenvolvendo Atividades Culturais

Partindo do pressuposto que cultura é uma forma simbólica (THOMPSON, 1996), histórica, socialmente centralizada e que, conseqüentemente, faz parte da vida de qualquer pessoa. Levamos em consideração essa concepção de cultura e os seguintes critérios para elaboração das atividades: o livro didático escolhido pela turma; os pressupostos da abordagem comunicativa (WIDDWSON, 1978); questionários aplicados com os estudantes para estarmos cientes de suas preferências quanto ao material de língua inglesa a ser utilizado na sala de aula; e, finalmente, as discussões em nosso sub-grupo de pesquisa *Língua, cultura e ensino*. A primeira atividade, chamada *Songs*, teve a música como tema central, pois foi o tópico de maior preferência no questionário da pesquisa (entre os estudantes da sala de aula que trabalhamos), a atividade objetivava utilizar o vocabulário de rotina. Os estudantes tiveram que comprar três canções diferentes, sobre rotinas diferentes e, certamente, tiveram que falar sobre suas próprias rotinas e compará-las a outros estilos de vida, para assim, aprender a respeitar os variados estilos de vida diferentes dos deles. A segunda atividade, *City Zone*, abordava o conhecimento da cultura local, eles deveriam praticar a língua alvo utilizando elementos da cultura materna, em outras palavras, eles usaram um mapa da cidade local para praticar o *Present Perfect* do inglês (a estrutura *have you been to...?*), já que, no momento o professor estava trabalhando esse assunto que é absolutamente difícil para falantes do português, pois esse tempo verbal não existe na língua portuguesa, quando falamos em inglês temos que, por obrigação, pensar diferente. Por exemplo, se eu digo em inglês *I have been to Germany before* (Eu já estive na Alemanha), pensando, em português, diríamos *I went to Germany before*, então, como podemos observar, existem diferenças culturais entre a maneira de pensar nas línguas comparadas. Finalmente, a última atividade teve como objetivo aumentar a consciência e o respeito sobre as culturas em geral; ela foi denominada *Different*

countries different clothes. Essa atividade pretendia fazer com que os alunos observem quais roupas são usadas em diferentes países e a partir daí observar quais eles precisam no seu cotidiano e por quê. Ainda observar quais são importantes para outras comunidades, aprendendo, dessa forma, a respeitar a escolha do outro. E aprendendo que, dependendo do lugar e do tempo em que eles estiverem, irão vestir-se de maneiras diferentes.

De acordo com Canagarajah (1999, p.48) “a etnografia crítica analisa as palavras em relação a maiores processos históricos e contradições sociais, procurando as forças escondidas que estruturam a vida”. Como Almeida Filho (2005, p.16) destacou que a Linguística Aplicada “é a área de estudos voltada para a pesquisa sobre questões de linguagem colocadas na prática social”. Assim, em nossa pesquisa, fazemos uso de alguns métodos dos estudos etnográficos, como anotações, gravações das aulas, observações e questionários. Podemos dizer, então, que esta pesquisa possui um cunho etnográfico, no entanto, ela é chamada de Pesquisa Ação. Para André (2004) uma Pesquisa Ação (Pesquisa Ação) envolve um plano de ação seguido e desenvolvido pela pesquisa, que pretende promover uma mudança ou uma reflexão no contexto social. Para Zozzoli (2006, p.18) a diferença entre uma pesquisa ação e uma pesquisa de intervenção é que a primeira pretende mudar o contexto social em que está acontecendo o estudo, enquanto a segunda não. A pesquisa foi desenvolvida em uma turma do 3º ano do curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas, a disciplina era *Língua Inglesa 2* e a turma se encontrava em um nível pré-intermediário. Observamos a sala de aula no período de Novembro/2005 a Fevereiro/2006, as atividades foram aplicadas no mesmo espaço de tempo.

Analisando as atividades na prática de sala de aula

Toda sala de aula “é composta por uma “pluralidade”, é um dado social polissêmico, heterogêneo; aquele permite uma combinação uma perspectiva, uma multiplicidade de

referências e de fontes de inspiração” (CAJAL, 2001, p.133). Assim se configura cada sala de aula com sua realidade e mundo diferente. A aula na qual a primeira atividade foi aplicada aconteceu no dia 7 de novembro de 2005, havia 7 alunos presentes em sala. A aula teve uma duração de aproximadamente 65 minutos e começou com a professora perguntando o que os estudantes tinham feito no período em que eles não tiveram aulas. Quando a professora introduz o tema música faz perguntas aos alunos de tipo: o que eles prestam mais atenção quando ouvem música? E os alunos respondem as questões expressando como já esperado suas preferências. As três músicas são executadas. A professora pergunta o que essas músicas têm em comum e os alunos respondem. A partir daí, eles conversam sobre quais músicas falam a respeito dos dias da semana, a professora também relembra que eles estavam falando de vida social. Um trecho importante da conversa é quando a aluna Rita se lembra de uma música e diz:

Rita: **saturday is the most of the days everything is over (xxx) and this song isn't say that bon jovi she said she said @@@**

P: **he**

Rita: **he said he said (+) I feel like a Monday someday I'll be Saturday night (xxx)**

P: ou: **and you can use you can use these (xxx) I I I today Saturday night (xxx) very very happy today I feel like Saturday night means ((não se compreende a gravação pois está com muitos problemas))**

Pela transcrição não se compreende a explicação da professora para “I feel like Monday someday I'll be Saturday night”, mas o que se percebe é que o domingo talvez seja o dia mais triste em que algumas pessoas sentem-se sozinhas, ao contrário do sábado, que para muitos, é o dia para se divertir. A aluna, nesse caso, soube reconhecer o sentimento ou o significado de um trecho de uma música e o associou a questão dos dias da semana. Fato que mostra que ela reconheceu o sentimento do outro a partir da perspectiva dele, ou seja, ela se

colocou no lugar do outro. Como Bezerra (2006, p.118) salienta “falar uma língua estrangeira é estar exercendo um papel social que ultrapassa os modos de comportamentos de sua cultura, é um estar socialmente marcado por regras de conversação de uma outra forma de compreensão do mundo”. Não foi possível a gravação da aula que foi trabalhada a atividade *City Zone*. Ela aconteceu no dia 30 de Janeiro de 2006. No entanto, não nos resta dúvida, pela observação de campo, que essa atividade promove a comunicação, e, além disso, o que é importante para nós, a comunicação foi estabelecida a partir do conhecimento da cultura local.

A terceira atividade foi aplicada no dia 13 de fevereiro de 2006. Havia “ 7 ” alunos em sala de aula e teve uma duração de aproximadamente 68 minutos. Depois de trabalhar o livro a professora introduz o tema roupa, em seguida ela pergunta quem trouxe as roupas típicas. Todos os alunos tinham trazido roupas de comunidades diferentes. Um aluno, Carlos³, em especial, trouxe várias roupas diferentes. Então, a professora checa os materiais dos alunos, pede aos alunos para escolher um par e dita as questões que são indicadas que eles façam se preferirem. Vamos agora observar a conversa de dois alunos, Ben e Gabi, durante a atividade, eles estavam seguindo algumas perguntas indicadas pela professora:

Ben: é **have you ever seen a person wearing it?**⁴

Gabi: **yes in television**

Ben: **in television (++) just (COMO)**

Gabi: **yes**

Ben: hanham **have you have you ever worn it?**

Gabi: **no**

Ben: **why not? (++) <@ it's impossible @>**

Gabi: **very strange**

³ Os nomes utilizados são fictícios.

⁴ As normas para transcrições foram as sugeridas por Tavares (2001). A fala entre parênteses com letra maiúscula indica suposição de fala (COMO), as três letras x entre parênteses indicam fala não compreendida. Fala entre arrobos indica risos e fala ao mesmo tempo, e somente arrobos indicam risos. O símbolo +, entre parênteses, indica pausa de um segundo.

Ben: **ok**

Gabi: **(THE COLOR) yes (xxx)**

Ben: **it's a strange (SITUATION) why is it used for?**

Gabi: **to: commemorate é a typical event é for example german you have**

[

Ben: **(xxx)**

Gabi: **a a october october feast then they use these typical clothes to commemorate typical events (...)**

Ben: **it's a Japanese costume (+)**

Gabi: **do you do you like it?**

Ben: **yes I like it beautiful because because it's very beautiful I don' know @ (+++++)**

Gabi: **have you ever seen have you ever seen a person wearing it?**

Ben: **no just in tv or videos**

Gabi: **have you ever worn it?**

Ben: **no**

Gabi: **why?**

Ben: **<@ I can't see the reasons for that @> maybe in carnival but I prefer (xxx)**

Gabi: **why is it used for?**

No começo da fala do Ben vemos que ele pergunta o porquê de Gabi nunca ter vestido a roupa típica da Alemanha e rindo ele mesmo responde que 'é impossível', ela, no entanto, acrescenta que é 'muito estranho'. Mesmo que ele diga que é impossível vestir aquela roupa ele está rindo, o que, portanto, não nos parece ser "um preconceito", mas sim um estranhamento. Esses choques entre culturas são comuns no ensino de LE e é a partir deles que os aprendizes desenvolvem uma consciência cultural. Gabi explica então para que é usado essa roupa e diz 'é um roupa típica para comemorar um evento típico'. Ben está com um sari

japonês e quando interrogado o porquê nunca vestiu a roupa ele responde rindo, novamente, e diz ‘eu não vejo razões para isso’ e acrescenta ‘talvez no carnaval mas eu prefiro (xxx)’. Pelo que nos parece, nessa conversa, mais uma vez, Ben não está rejeitando a roupa ou demonstrando um preconceito com este traje, mas, como já dito, ele está estranhando uma forma de se vestir diferente da de sua comunidade.

Considerações finais

Muitos são os caminhos para se chegar ao aprendizado de uma língua estrangeira. Alguns são bem dolorosos, como é o caso de imigrantes que chegam a um país sem saber uma palavra da LE e têm que, por questão de sobrevivência, aprender a falar determinada língua ou pelo menos aprender a se comunicar a fim de suprir suas necessidades. Outros, no entanto, depois de passarem anos em cursos de línguas também aprendem a falar uma LE, seja para fins específicos, como mestrado, trabalho, ou apenas para ter o conhecimento de outra língua. Mas dentre esses diferentes caminhos que justificam as necessidades de cada sujeito uma coisa é certa e comum a todos eles. A aprendizagem de uma nova língua e o contato com uma nova cultura.

No prefácio do livro *Língua, cultura e ensino* Claire Kramsch chama a atenção de que “atualmente, cultura é uma complexa realidade histórica e simbólica que pede uma visão pós-estruturalista da relação histórica, identitária entre linguagem/cultura. Ensinar língua e cultura é uma forma político cultural e um reflexo da língua como força simbólica” (KRAMSCH, 2006, p.9). Assim temos visto na análise de nossas atividades como fatores culturais apresentam-se nas interações. Nossas atividades tentaram desenvolver um entre-espaço cultural que como diz Kramsch (1993) é um lugar muito pessoal. Assim seria muito difícil afirmar que não foi possível promover esse encontro, já que do nosso ponto de vista o entre-espaço cultural deu-se, seja na tentativa de interpretar canções, seja na dificuldade de entender os trajes típicos de outras comunidades, ou até mesmo na busca de usar uma outra língua para

falar de sua cultura. Uma comunicação efetiva também foi promovida durante a aplicação das atividades, já que mesmo com questões programadas, os alunos desenvolveram uma fala que não tinha sido abordada antes como é o caso dos livros didáticos em que, na maioria das vezes, dão um exemplo para ser seguido. Finalmente, as perguntas sugeridas nas atividades objetivavam respostas pessoais, pois assim possibilitaria uma comunicação real e quando possível uma reflexão cultural.

Referências

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 3ªed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. *Linguística aplicada: Ensino de línguas e comunicação*. Campinas, SP: Pontes Editores e Arte Língua, 2005.

BEZERRA, Selma Silva. Uma reflexão sobre a(s) visão (ões) de língua e cultura no PCN de língua estrangeira do ensino fundamental. *Revista Querubim*, nº 3, jun/dez, 2006, p. 114-123.

Disponível em: www.revistaquerubim.com

BRITO, Iracélia de. *Conceito de cultura e competência: contribuição para um ensino crítico de inglês no contexto brasileiro*. Dissertação de Mestrado do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

BYRAM, M. *Teaching assessing intercultural communicative competence*. Clevedon : Multilingual Matters, 1997.

CAJAL, Irene Barleroni 2001. A interação da sala de aula: como o professor reage as falas iniciadas pelos alunos? In: PAGLIARINI, Maria Inês; ASSIS-PETERSON, Ana Antonia de. Orgs. *Cenas de sala de aula*. Campinas: Mercado de letras, p.125-159.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

KRAMSCH, Claire. *Context and culture in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

_____. *The cultural component of language teaching*. *British Studies now*, London, issue 8, Jan. 1997, p. 4-7.

_____. Prefácio. In: TAVARES, Roseanne Rocha (Org.). *Língua cultura e ensino*. Maceió: Edufal, p.9-10, 2006.

LACOSTE, Yves. Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês. In: LACOSTE, Yves, e RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). *Geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Editorial, 2005.

LIED, Justina Inês Faccini. *Reflections on teaching English and student's motivation*. Lajado: J. I. F. Lied, 2002.

MACKAY, Sandra Lee. *Teaching English as an International Language: Implications for Cultural Materials in the Classroom*. *TESOL winter*, p. 7-11, 2000.

_____. *Western Culture and the teaching of English as an International Language*. *English Teaching Forum*, April, p.10-15, 2004.

_____. Maceió: Edufal, p.9-10, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Yves, e RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). *Geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. Kanavillil. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

TAVARES, Roseanne Rocha. Conceitos de cultura no ensino/aprendizagem de LE. In:

TAVARES, Roseanne Rocha (Org.). *Língua, cultura e ensino*. Maceió: Edufal, 2006.

_____. *A negociação da imagem em sala de aula de língua estrangeira*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social na era dos meios de comunicação de massa*. 5ª ed. São Paulo: Vozes, 1995.

WIDDWSON, H. G. *Teaching Language as communication*. Oxford: Oxford University Press, 1978.